}4.1

JOÃO REYNAUD, M.: – *Matéria poética, Ensaios de Literatura Portuguesa*, Porto, 2008, 189 p.

Esta obra, que dá pelo nome de matéria poética, refere-se a autores diferentes, mas tem como ponto de partida comum o seguinte: sendo a matéria poética a linguagem, a poesia introduz nela uma libertação da mesma linguagem que lhe permite nomear o mundo.

A maioria do texto da obra – 125 páginas – é dedicada a dois poetas portugueses, Fernando Guimarães e Fernando Echeverria e leva o título de ensaios. Os outros textos, mais breves, que levam o nome de estudos são dedicados a Sophia, M. Torga, a Albano Martins e à revista *Árvore*.

Na introdução, à cabeça, um pequeno texto de René Char e um outro de Heidegger que traduzo assim: "Quando é que as palavras se voltam a tornar palavra", tirado do ensaio *Sprache*. Esta frase reúne bem a matéria da poesia e os estudos aqui reunidos que tentam circunscrever, nos autores tratados, a forma como surpreendem a palavra e a nomeiam entre as palavras.

O longo texto sobre Fernando Guimarães (p. 15 – 67) desenvolve o tema "Poesia: lugar de doação", privilegiando, particularmente, o último decénio da produção poética do autor (1992 – 2002), com especial atenção às obras deste período: o *Anel Débil* (1992), *Limites para uma Árvore* (2000) e *Lições de Tevas* (2002), sem desprezo pela totalidade da obra do autor, cuja obra anterior (1952–88) aparece em *Obras Completas*, publicadas em 1994.

Percorrendo toda a obra do poeta português, defende a autora e a nosso ver com bons fundamentos e, recorrendo aos próprios ensaios de F. Guimarães, que nesta obra se realiza aquela forma de conhecimento que não é adequação com as coisas, mas nomeação, ou com como diria Barthes denominação.

O ensaio sobre F. Echevarria, intitula-se a *Figura Magistral do Verbo* e recolhe um texto publicado em *Obra inacabada*, por ocasião dos 50 anos de vida literária do autor.

A especificidade de F. Echevarria é bem delineada pela autora ao escrever que a poesia é, para o autor em estudo, *ofício* que visa instaurar o poema, mas em abertura ontológica. É feliz a expressão, que desenvolve com recurso aos diversos livros que marcam o percurso do poeta de *Introdução à Filosofia*.

Percorrendo toda a já muito rica obra de Echevarria, M. João Reynaud pretende demonstrar que a elocução poética de Echevarria se passa, segundo a indicação do primeiro livro do poeta, *Entre Dois Anjos* (1956), ou seja, diríamos nós, é uma obra em que o evento, ou epifania, ou Verbo, preside à enunciação.

Três pequenos estudos são consagrados ao poeta Albano Martins, que têm em conta o conjunto da sua obra, que vai numa direcção que a autora denomina como marcada por uma sensibilidade profundamente crente no poder redentor da poesia e na sua inesgotável capacidade para sondar o real e dizer a universalidade do subjectivo.

E enfim há um belo mas curto texto sobre Sophia, sobre quem têm aparecido muitos estudos parcelares, denominado "Na luz branca da escrita" e outro sobre Torga Poeta/Profeta, breves limiares, que nos introduzem no sentido geral de duas obras em ascensão.

Um simples leitor, da poesia e sua crítica, como é o caso deste modesto apresentador, leu a maioria das obras citadas no mesmo tom ou no mesmo prisma, a saber naquele prisma que vê a linguagem como matéria poética, continuamente transgredida e, por isso, como casa mais imediata do ser, para utilizar a expressão de Heidegger, muito citado nestes estudos. Parece difícil de facto fazer boas incursões na Literatura, sem algum recurso à Metapoética. Recurso que nesta obra se saúda.

Arnaldo de Pinho